



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## “CHICA BAIANA PASSEANDO EM TERRA ALHEIA”: PRESENÇA DA MINA MARANHENSE EM TERREIROS DE JOÃO PESSOA

Antonio Giovanni Boaes Gonçalves  
(DCS/PPGS/Universidade Federal da Paraíba)  
[giboaes@ig.com.br](mailto:giboaes@ig.com.br)

### Introdução

Na cidade de João Pessoa, predominam no campo das religiões afro-brasileiras, a Umbanda e o Candomblé. A Umbanda é aqui entendida como um misto de catolicismo popular, kardecismo, herança africana dos orixás e os rituais da Jurema Sagrada. O Candomblé é mais recente que a Umbanda, tendo chegado a João Pessoa, mais ou menos, a partir da década de 80, no fluxo do movimento de dessincretização e (re) africanização iniciado na Bahia durante a década de 70 do século passado, por algumas mães de santo baianas.

Até a década de 60, o campo em questão, não se apresentava como campo propriamente dito (BOURDIEU, 1999). Existiam pessoas isoladas trabalhando em mesas de curas, também chamadas mesa branca ou mesa de jurema, conforme registrado pela Missão Folclórica Paulista, em 1938, quando visitaram a Paraíba (CARLINI, 1993). Em torno dos organizadores dessas mesas, se articulavam algumas pessoas que ajudavam e participavam dos rituais, nada, entretanto, que lembrasse as organizações e hierarquias dos terreiros de hoje. A partir, portanto, desta década, o campo começa a ganhar feição própria; surgem os primeiros “centros” registrados como associações e começam a se realizar rituais abertos, com acompanhamento de tambores (elus/bombos), prática proibida até então. Em 1966, o governador João Agripino promulgou a primeira lei referente à matéria: a Lei Estadual 3.443 de 6 de novembro que, no seu Artigo 1º, torna “livre o exercício dos cultos africanos em todo o território do Estado da Paraíba, observadas as disposições constantes desta lei”.

As principais influências sobre o emergente campo vieram, sobretudo, de Recife, cujos principais representantes foram Mario Miranda (Mario Maria Aparecida) – tendo sido, salvo engano, o primeiro a iniciar filhos em João Pessoa –, Zé Romão e Pai Edu. Os três praticantes da Umbanda com nagô.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Outra linha de influência veio da Bahia, trazendo elementos tanto da Umbanda quanto do Candomblé. O primeiro terreiro a funcionar como associação registrada e a tocar elus, foi fundado em 1960 na chamada Enseada, hoje, o bairro nobre de Tambaú. A mãe de santo, que reivindica o título de pioneira das religiões afro-brasileiras em João Pessoa, teve a sua história religiosa construída na Bahia, em uma pequena cidade chamada Tucano. Lá foi iniciada por uma mãe de santo, tanto no Orixá como na Jurema, que (segundo mãe Marinalva) teria sido filha de escravos e parente carnal de mãe Menininha do Gantois. Isso ocorreu na década de 40, quando a hoje ialorixá Marinava Amélia, ainda era adolescente. Embora seja paraibana da cidade de Serra Branca, viveu na Bahia dos 2 aos 20 anos de idade. Em 1955, mudou-se para João Pessoa onde começou a desenvolver seus trabalhos na religião. Em 1960, fundou o Centro de Umbanda Ogum Beira-Mar colocando em prática os conhecimentos e rituais aprendidos na Bahia.

Registramos a existência de um terreiro que começou na Umbanda e depois mudou para o Candomblé, no início da década de 70. Sua titular, Mãe Beata, foi confirmada por um pai de santo baiano. O terreiro tornou-se importante e muito requisitado por políticos influentes da cidade, tendo funcionado até a morte da sua titular.<sup>1</sup>

Paralelamente, outro pai de santo (Gilberto de Ogum) que já havia sido iniciado na Umbanda com nagô por Mario Miranda, também mudou para o Candomblé, ao ser iniciado por uma mãe de santo carioca que veio a João Pessoa com esta finalidade.

No geral, a influência predominante orienta-se para Recife, Bahia e Rio de Janeiro. Do Norte, nesse momento, nada registramos. Os primeiros registros da Mina maranhense ocorreram com a abertura de um terreiro no bairro da Torre por um maranhense que se transferiu para a capital paraibana no final da década de 60. Embora já tivesse contato com a religião Mina em São Luís, quando chegou a João Pessoa, não era iniciado em nenhuma denominação das religiões afro-brasileiras. O processo de sua iniciação começou em João Pessoa, quando um pai de santo chamado Saulo Alcoforado, de Recife, filho espiritual de mãe Beata, o convenceu a entrar na religião. Uma vez “feito no santo”, na Umbanda com nagô, abriu o seu terreiro e começou a

---

<sup>1</sup> Mãe Beata de Iemanjá, cujo nome verdadeiro é Maria Barbosa de Souza, nasceu em 1922 e faleceu em 1989.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

realizar os rituais para os orixás e Jurema. Foi a partir de então, que sempre indo a São Luís iniciou-se na Mina maranhense, passando pelos terreiros de Jorge de Itacy, no bairro da Fé em Deus, e pelo de Mãe Diquinha no bairro do Maiobão.

Com a iniciação na Mina completada, este pai de santo, passou a cultuar as entidades do panteão da Mina, referido como o povo das águas. É neste terreiro, que os elementos da Mina se encontram com a Umbanda e a Jurema. Ele é a porta principal de entrada da “encantaria” nas terras pessoenses.

Há outro registro a ser mencionado: o terreiro de Candomblé Ilê Ajaguna Axé Odó Tí Fadaka de um pai de santo iniciado no Candomblé em São Luís pelo famoso pai de santo Euclides de Liçá. Neste caso, destaca-se que esse encontro ocorre de forma transversal, uma vez que o referido pai de santo foi a São Luís para ser iniciado somente no Candomblé. Candomblé levado de Recife por pai Euclides (FERRETTI, 2000, p 37), mas que de alguma forma, carrega marcas, ainda que tênues, da Mina maranhense.

Portanto, neste artigo, falaremos do encontro da Mina maranhense com outras denominações no campo religioso afro-pessoense. Focalizaremos os desdobramentos desses encontros depois de transcorridas três décadas, a contar de sua ocorrência inicial. Destacamos as formas de adaptações e ressignificações presentes nos rituais. Delineado como estudo de campo e pesquisa exploratória, o material para a análise foi construído a partir de entrevistas com pais e mães de santo dos dois terreiros, além da observação participante. Na direção do estudo, propomos que em João Pessoa, a Mina maranhense não se afirmou autonomamente; torna-se, aos poucos, uma linha de caboclos dentro da Jurema; e no Candomblé, sua presença é secundária.

### **A Mina Maranhense e a Umbanda/Jurema**

Mina ou Tambor de Mina é a denominação genérica dada às manifestações religiosas afro-brasileiras ao Norte do Brasil. São Luís é sua referência geográfica. Cidade onde dois grandes terreiros se destacaram como centros de culto aos voduns jejes, orixás iorubanos e entidades caboclas de diversas origens: a Casa Grande das Minas, que segundo Verger (1990), foi fundada por uma rainha-mãe do Dahomé (atual República do Benin), levada para São Luís como escrava, e a Casa de Nagô. Hoje, entretanto, para falar de Mina maranhense devemos considerar que o modelo das casas matrizes, já não é suficiente para explicar a diversidade que a palavra abrange.



É importante destacar que a Mina se diferencia bastante das outras denominações afro-brasileiras, seja na organização das entidades em complexas famílias de parentesco, nas relações das famílias (voduns, orixás, gentis, gentilheiros, guias, caboclos, meninas, espíritos) entre si e das entidades com os santos católicos, ou na pouca prioridade dada aos sacrifícios de animais. Outra característica que se destaca é o fato de os caboclos pouco se associarem a espíritos de índios, os antigos moradores da terra:

Os caboclos, além de serem antigos na Mina, há muito deixaram de ter vida terrena. No Tambor de Mina, eles não são índios, embora tenham, geralmente, alguma relação com eles. De acordo com a mitologia, são brancos europeus, turcos (mouros) e crioulos, de origem nobre ou popular que entraram na mata ou na zona rural, ou ainda que, renunciando ao trono e à civilização, aproximaram-se da população indígena, miscigenando-se com ela e distanciando-se dos padrões de comportamento das camadas dominantes. São também, em menor escala, índios ‘civilizados’ (acaboclos) ou miscigenados, recebidos na Mina como caboclos. (FERRETTI, 2000, p.86)

De forma geral, na Mina, podemos distinguir três grandes eixos além de várias orientações mais difusas, nas quais se combinam elementos das três. São elas: Mina-jeje, Mina-nagô e o Tambor da Mata ou Terecô. Este último também identificado como a linha de Codó<sup>2</sup>. Além disso, o campo religioso afro-brasileiro no Maranhão não se limita à Mina. Há terreiros que seguem o modelo do Candomblé baiano e do Xangô pernambucano, além daqueles que se umbandizaram há algumas décadas, como a famosa Tenda Espírita de Umbanda Rainha Iemanjá, na cidade de Codó, regido pelo nonagenário babalorixá Bitá do Barão.

Apesar de a Mina-jeje, representada pelo modelo da Casa das Minas, ser visto como referência principal para o Tambor de Mina é, contudo, com o modelo da Mina-nagô, ligado à Casa de Nagô que a denominação mais se identifica, tanto no Maranhão como no Norte do país. Sua principal característica é a abertura para outras entidades e ritos. Na Casa de Nagô, além dos orixás, cultuam-se os voduns jejes, os gentis (fidalgos), gentilheiros, meninas e uma miríade de caboclos cujas principais linhas são da água salgada (os turcos), da mata (Codó) e os da água doce (cura).<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Cidade maranhense localizada a 292 quilômetros da capital São Luís. É considerada importante polo das religiões afro-maranhenses.

<sup>3</sup> “Na Mina, as entidades caboclas são também agrupadas em ‘linhas’ de água salgada, da mata, da água doce e do astral (por domínios da natureza). A linha de água salgada é considerada a mais antiga e a verdadeira linha de Mina. A ela pertencem todas as entidades caboclas que, como os voduns e os gentis,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A Umbanda, em João Pessoa, caracteriza-se pelo culto aos orixás e entidades diversas do panteão umbandista, matizados localmente. Nela podemos perceber nitidamente elementos da “síntese refletida”, conforme disse Ortiz (1999). Estão presentes os elementos africanos (desafricanizados e reafricanizados ao mesmo tempo), católicos, kardecistas e da cultura popular. Podemos divisar nitidamente dois lados da Umbanda em João Pessoa. Um, no qual se cultuam os orixás baianos, em número de 12 (Exu/Pombagira<sup>4</sup>, Ogum, Ossaim<sup>5</sup>, Oxossi/Odé, Obaluaê/Omulu, Nanã, Xangô, Oxum, Iansã, Ibeji, Iemanjá, Oxalá). O ritual é celebrado em português, língua usada também pelas entidades; são oferecidos diversos tipos de sacrifícios, incluindo os de sangue, e os rituais centram-se no transe e possessão. Entre os adeptos, esse lado é visto como o mais nobre, o mais puro e o que pede mais respeito, pois os orixás estão associados diretamente ao panteão de santos católicos, incluindo o próprio Jesus Cristo e o Deus Supremo ou ligados aos deuses Africanos.

O outro lado refere-se à Jurema, que, dito por muitos e difundido como uma espécie de mito fundador, é uma manifestação genuinamente paraibana da cidade de Alhandra. O que percebemos, entretanto, é que o que se designa por Jurema, não é simplesmente a “ciência dos mestres”, que em tempos passados, comandavam rituais de mesa de Jurema com forte inspiração kardecista, do espiritismo popular e do catolicismo popular. Ou o ritual indígena do culto à árvore da jurema, na qual se bebia uma infusão das partes dela (especialmente das raízes) para entrar em transe e propiciar o encontro com o mundo dos invisíveis. A Jurema que é praticada hoje, embora preserve elementos das mesas dos mestres e do ritual indígena, está umbandizada. A sua identificação com a umbanda é tão forte, que na prática, são tidas como sinônimo. Assim, um ritual de Jurema não se diferencia muito, pela estrutura, do ritual dos orixás. Foram assimilados à Jurema: exus e pombagiras; o processo de recolhimento, sacrifício, assentamentos e festas de apresentação nos processos iniciáticos, além da roda de santo (gira), o tambores (elus), os cânticos, pontos riscados, os trabalhos mágicos (linhas de direita e esquerda) etc. Por outro lado, as mesas de Jurema vão desaparecendo, restando

---

vieram de terras distantes e civilizadas, pelo mar, e que têm origem nobre (como os turcos)” FERRETTI, 2000, p. 81.

<sup>4</sup> Sobre Pombagira muita polêmica se desdobra. Alguns pais de santo a admitem na gira dos orixás, enquanto outros não a aceitam.

<sup>5</sup> Na maioria dos terreiros frequentados (Umbanda), este orixá não faz parte do xirê, entretanto, ele figura entre os doze, porque em alguns terreiros, por ocasião da feitura de filhos, ele recebe oferendas e no dia da apresentação pública é o primeiro a sair com o iniciando.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

sua reminiscência na chamada Jurema de chão. A bebida da Jurema vai se tornando cada vez mais simbólica.

No ritual de Jurema batida (com toque de elu e roda de santo), começa-se com a louvação a Exu, em seguida louva-se Pombagira, entidades muito prestigiadas nesses rituais. Logo depois eles são despachados. Abre-se, então, a gira pedindo permissão aos santos católicos, orixás (especialmente a Oxóssi), pretos-velhos ou outras entidades. Faz-se a louvação à Jurema com o corpo vergado e os joelhos no chão. Começam, então, as louvações para as entidades: caboclos (de pena, índios, pajés, caboclinhas); mestres (boiadeiros, Zé Pelintra e uma infinidade de “zés”), mestras (com nomes pessoais. Algumas foram pombagiras, outras ciganas ou caboclas que se tornaram mestras), pretos e pretas velhas, baianas (pouco se fala em baiano). As crianças aqui baixam como caboclinhos (as). O povo cigano não é regularmente cultuado, normalmente, eles são associados a pombagiras ou exus ciganos.

Conforme salientou Boaes (2009), esses dois lados apesar de conviverem no mesmo espaço, são mantidos separados. Há uma preocupação entre os adeptos da Umbanda em não misturar diretamente os orixás com a Jurema (há algumas exceções). Assim, em gira de orixá, não se louva e não baixam entidades da Jurema. Da mesma forma, nos rituais de Jurema, os orixás não arriam diretamente, apesar de serem louvados, especialmente Oxóssi, conhecido como o patrono da Jurema devido a sua relação com as matas. Oxóssi se manifesta na Jurema através de seus mensageiros, os caboclos. Dizem que o culto aos orixás é limpo, ao passo que na Jurema predominam a cachaça e a fumaça.

A porta de entrada para a Mina em João pessoa foi o Terreiro Afro Ogum de Malê, fundado na década de 70 e funcionou até 2010 quando seu titular, pai Moraes resolveu fechá-lo por motivos de saúde. Entretanto, o fechamento do terreiro matriz não fez desaparecer a Mina em João Pessoa, pois, pelo menos dois ou três filhos feitos por pai Moraes continuam realizando os rituais do povo das águas.

Pai Moraes (José Raimundo Moraes Araujo) nasceu na pequena cidade da baixada ocidental maranhense, chamada Bequimão. Ainda criança, mudou-se para São Luís onde completou seus estudos, tendo concluído o curso científico em importante escola maranhense, o Centro Caixerl Benedito Leite. Aos 18 anos, casou-se com uma paraibana, que seria, dez anos mais tarde, responsável por sua transferência definitiva



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

para a cidade de João Pessoa em 1969. Em São Luís, morando no bairro Monte Castelo, onde nas proximidades se localiza um importante terreiro de Mina, o Terreiro de Yemanjá do já falecido pai de santo Jorge de Itacy (Jorge Babalaô), pai Moraes relata que mesmo não gostando da religião, certa vez foi tomado de sobressalto por uma entidade enquanto dormia, e por último, inconsciente foi aparecer neste terreiro durante um toque.<sup>6</sup>

Mas a sua iniciação na religião afro-brasileira veio ocorrer mesmo quando já estava residindo em João Pessoa. Nesta cidade, conheceu um pai de santo, que embora tivesse terreiro na cidade de Recife, era filho de santo de Mãe Beata de João Pessoa. Em Recife, em 1969, recebeu o bori e sete anos depois recebeu o iaô concluindo a sua confirmação no orixá. Lá também, entre o bori e o iaô, foi iniciado na Jurema. A partir daí, pôde abrir o seu terreiro, que como muitos em João Pessoa, diz-se Umbanda com nagô, desenvolvendo rituais para os orixás e para a Jurema em dias separados. A diferença, entretanto, em relação aos demais, é que passou a cultuar o povo das águas do panteão da Mina maranhense, na qual também foi iniciado em São Luís.

No terreiro de pai Moraes, a Mina entrou pela porta da Jurema e não pelo culto aos orixás. O povo das águas se tornou hóspede da Jurema. Segundo este pai de santo, e conforme pudemos constatar nos diversos rituais que observamos, apenas algumas entidades do complexo panteão “mineiro” são cultuadas em João Pessoa: os caboclos, que como já dissemos anteriormente, são distintos dos caboclos cultuados na Jurema, ou seja, espíritos de índios. Assim, os outros do panteão “mineiro” (voduns-jeje, gentis (fidalgos) e gentilheiros) não são cultuados.

Pai Moraes incorporava no terreiro, Seu Tapindaré (seu guia, a quem se refere como vodun), Legua Boji, Corre-Beirada, Seu Banzeiro e outras entidades cujos nomes não se recorda mais. A mãe pequena – Mãe Dilene – é guiada pela cabocla Mariana, também referida como sua coluna mestra. Baixam ainda, caboclo Louro, Maria Rita e Mãe Joana, irmãs de Mãe Chica (Chica Baiana), Seu Maresia e várias outras entidades caboclas que irradiam (“focalizam”) alguns dos dançantes. No geral, os encantados que baixam no terreiro de pai Moraes e dos seus filhos, pertencem às famílias do Rei da Turquia, de Légua Boji e da Baía.

---

<sup>6</sup> Para os padrões de classificação racial brasileira, pai Moraes pode ser considerado branco.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Segundo pai Moraes, o fato de louvar apenas os caboclos e não as outras entidades, deve-se à falta de suporte material e mesmo espiritual para cultuar voduns e orixás<sup>7</sup>. Assim, os toques de Jurema são mais adequados para se cultuar o povo das águas, porque no toque de orixá, a “pancada” (a batida dos tambores) teria que ser diferente. Além disso, teriam que ser invocados Dom Manuel, Dom Rei Sebastião, Dom Luís Rei de França (Gentis) e Tombossa (Oxum), Badé (Xangô), Barba Soeira (Iansã) e outros voduns. Acrescenta ainda que a religiosidade na Mina é a toda prova, ou seja, há muitas exigências que não existem na Umbanda. Por exemplo, antes do toque, é preciso que se faça uma procissão em volta do terreiro pedindo permissão a Liçá (Oxalá), e antes de entrar no terreiro, todo filho deve se dirigir às seções de banho localizadas nas laterais, lá deve tomar um banho normal, depois banhar-se com águas de cheiro, trocar toda a roupa do dia-a-dia pela roupa de santo (branca) e entrar no quarto do segredo (peji), firmar seus guias, botar seu cordão no pescoço e só então estará pronto para o toque. Exigências que o povo da Umbanda não está acostumado. Seria ainda muita temeridade bater para os voduns, pois se trata de uma energia muito pesada e limpa para ser sustentada sem outras pessoas suficientemente preparadas para tal.

Tudo indica que pai Moraes escolheu apenas aqueles elementos da Mina considerados menos poderosos, ainda que muito populares – os caboclos – para cultuar na Jurema, considerando as limitações mencionadas: falta de abatás (tambores com duas membranas tocados sobre um cavalete ou entre as pernas, dependendo da linha a ser louvada); abatazeiros (ogãs) conhecedores dos toques específicos da Mina; alguns ritos específicos que não poderiam ser feitos aqui, como os banhos propiciatórios, uma vez que não há em João Pessoa, as ervas utilizadas na sua preparação, e em sentido mais geral, falta de pessoal com conhecimentos de doutrinas, rezas e demais elementos ritualísticos da Mina maranhense.

Algumas destas dificuldades também estariam na base das limitações que impedem as entidades da Mina de prestarem assistência aos adeptos e ou clientes no dia-a-dia. Segundo mãe Dilene, a linha da Mina trabalha muito com cura, mas para isso, precisa de elementos típicos do Maranhão, por exemplo, o espinho de tucum<sup>8</sup>, a rosa verde, e outros da fauna e flora maranhense, como o óleo de copaíba e de piqui que

<sup>7</sup> Aqui ele chama “orixás” os Gentis (fidalgos) como Rei Sebastião, Dom Luís, Dom Manuel etc.

<sup>8</sup> Segundo relatou, uma vez comprou em uma casa local de produtos religiosos alguns espinhos como sendo de tucum, contudo, quando sua mãe de santo de São Luís a visitou, constatou que eram falsos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

antes não existiam em João Pessoa. Mesmo assim, a cabocla Mariana ainda atende algumas pessoas, mas seu trabalho é só de iluminação e de banhos. Pai Moraes disse que por causa disso também, não iniciou nenhum filho na Mina em João Pessoa, pois os axés são diferentes. Sobre isso, verificamos uma contradição a partir do que nos informou mãe Dilene, pois, segundo ela, além dela mesma, pai Moraes iniciou mãe Iolanda (primeira mãe pequena do terreiro), pai Léo (filho carnal de mãe Dilene) e Josy (neta de santo, filha de mãe Zefinha). Compreende-se, contudo, que ao dizer que não havia iniciado ninguém na Mina em João Pessoa, não é o mesmo que dizer que não tenha “assentado” entidades na Mina. Na verdade, como pudemos notar, os “assentamentos” eram feitos no processo de iniciação da Jurema. Mãe Dilene nos disse que as entidades da Mina só podem ser assentadas, se o adepto já tiver dado obrigação completa na Jurema (se iniciado em todas as linhas da Jurema, dos exus/pombagiras aos pretos e pretas velhas, passando pelos caboclos (as), mestres(as) e baianas). Isto nos indica que o “povo da Mina”, aos poucos vai se transformando em uma linha a mais dentro do panteão da Jurema.

Sobre os “assentamentos”, destacamos uma divergência entre as informações dadas por pai Moraes e as fornecidas por mãe Dilene. Segundo o primeiro, na Mina não há “assentamento” como há na Jurema e no Orixá, ou seja, com alguidar e pedra; no seu lugar se colocam apenas os príncipes e princesas, isto é, copos e taças cheias d’água que permanecem no peji da Jurema. Para a segunda, o assentamento é feito em alguidar com a pedra. Aliás, informou que a cabocla Mariana possui dois assentamentos, um que foi feito por pai Moraes, em João Pessoa, e um feito por mãe Diquinha, em São Luís. Pai Moraes, ao “assentar” a cabocla Mariana para mãe Dilene, devido às limitações já mencionadas, não conseguiu estabelecer a ligação ideal entre a entidade e a filha, por isso, quando a entidade vinha, maltratava-lhe muito, primeiramente porque não se manifestava como cabocla, mas como sereia, se arrastando no chão e “esbaqueando” a matéria. Neste assentamento, havia um alguidar, uma pedra e outros objetos, como moeda, flores etc. Por causa dessa deficiência, mãe Dilene precisou ir a São Luís para ser iniciada na Mina. Esteve lá três vezes. Na última, lá permaneceu oito dias, quando a sua iniciação foi concluída. Mãe Diquinha, tomada por Chica Baiana foi quem realizou o ritual numa praia, pois a iniciação não ocorre dentro do terreiro, precisa-se ir para o mar, lugar da encantaria, onde vive o povo das águas, o povo da baía. Lá a entidade é



invocada e assentada. A “neófito” é submetida a uma série de “testes” para saber se a possessão é verdadeira, só então, se retorna ao terreiro para realizar as festas, onde a entidade “baila” a noite inteira. No “assentamento” feito por mãe Diquinha, há uma pedra escura, das praias de São Luís, e duas outras pedras recolhidas em João Pessoa, além de moedas, medalhas, cordões e flores.

Segundo pai Moraes e mãe Dilene, nos processos de iniciação na Mina não há sacrifícios de animais, apenas banhos de toda espécie e a toda hora. O animal é imolado apenas para ser servido aos convidados durante as festividades; o sangue em si não é peça fundamental no ritual.<sup>9</sup>

Diante disso, pai Moraes afirma que apenas ele e mãe Dilene são iniciados na Mina, os outros possuem alguma entidade assentada, hospedada dentro da Jurema.

Deve-se ressaltar também, que a junção dos caboclos da Mina com a Jurema, dá-se ainda por existir algum nível de parentesco semântico entre eles: as mesmas palavras (“caboclo”, “aldeia”, “guerreiros”) e instrumentos (maracá), o trabalho com cura e as posições hierarquicamente inferiores e mais populares que ocupam nos seus respectivos conjuntos, o que os torna mais receptivos e flexíveis quanto aos seus preceitos rituais.

A única vez em que ocorreu um toque de Mina completo, “Mina pura”, em João Pessoa, segundo pai Moraes, foi no ano de 2000, quando recebeu uma expedição de “mineiros” em seu terreiro: “Há uns dez anos atrás, veio um terreiro todinho, veio um ônibus cheio. Foi o terreiro de mãe Maria, do bairro do João Paulo, com todos os seus filhos de santo. Ficaram hospedados no terreiro, e lá fizeram um toque de Mina puro.”

Mãe Diquinha também esteve várias vezes em João Pessoa. A sua “coluna mestra”, Mãe Chica, ou seja, Chica Baiana (baiana de baía e não da Bahia) foi quem confirmou tanto pai Moraes como Mãe Dilene na Mina. Por intermédio dela, aconteceu o encontro entre a “ciência da Mina” e a “ciência da Jurema”.

Falemos agora do toque de Jurema no terreiro de pai Moraes. Deve-se ressaltar que nem em todo toque de Jurema, nesse terreiro, havia ritual para o povo das águas.<sup>10</sup> Inicia-se com as louvações a Exu, em seguida canta-se para Pombagira. Depois de algumas incorporações, estes são despachados. Abre-se a Jurema, cantando louvações

---

<sup>9</sup> Contudo, mãe Dilene admitiu que para a cabocla Mariana, ela sacrifica pombos, fato que pudemos constatar na festa de Mariana, onde sete pombos sacrificados foram espalhados pelo salão.

<sup>10</sup> Descreveremos apenas a Jurema batida (com tambores e gira de santo), pois nunca tivemos a oportunidade de observar uma Jurema de chão nesse terreiro.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

que se referem à Jurema (árvore, cidade, entidade), também a santos ou personagens da tradição judaico-cristã (Jesus Cristo, Salomão, São José etc), mestres, caboclos, pretos e pretas velhas.<sup>11</sup> Uma vez aberta a Jurema, formava-se a gira propriamente dita rodando em sentido horário – ao contrário da maioria dos terreiros de Umbanda que giram em sentido anti-horário – e começam os momentos rituais endereçados a cada linha (nem sempre todas são cultuadas no mesmo toque): caboclos, mestres, pretos velhos, baianas, às vezes, louva-se o povo cigano. No dia em que há toque para o povo das águas, ocorre logo depois que se canta para os caboclos da Jurema. Segundo pai Moraes, abre-se para o povo das águas cantando a doutrina: “Eu já dividi a terra, agora vou dividir o mar”. Ou seja, já foram saudados os caboclos da terra, agora se passa a saudar os caboclos da Mina, da água salgada, as famílias da encantaria maranhense que chegaram pelas “estradas” (linhas) do mar. A partir desse momento, a gira que era fechada, abre-se, ou seja, no lugar do círculo em movimento, formam-se duas fileiras, uma de frente para a outra, separadas por um espaço livre onde as entidades irão “bailar”. Os adeptos começam a se deslocar para frente (para o centro do salão) e para trás, numa espécie de dança que lembra bastante as coreografias do bumba-meu-boi do Maranhão.

Os tambores permanecem os mesmos utilizados anteriormente, a batida continua a mesma da gira dos caboclos da Jurema. Nenhum instrumento específico da Mina é acrescentado (cabaças ou aguês, agogô, ferrinho). Raríssimas vezes, pudemos ver uma das participantes chacoalhando uma cabaça grande coberta por uma rede de contas. Há também pequenos maracás feitos de cabaça, sacudidos por alguns adeptos, coisa que também pode ocorrer na gira de caboclos da Jurema.

Na “festa” dedicada à cabocla Mariana<sup>12</sup>, para qual fomos convidados por mãe Dilene, o toque desenrolou-se tal como descrevemos acima com poucas diferenças. Por exemplo, cantou-se para Exu e Pombagira de forma traçada (alternando, ora para um, ora para outro). Depois que o povo da rua foi despachado, a Jurema foi aberta (não houve louvação com os joelhos no chão). Começou-se cantando para os caboclos da

---

<sup>11</sup> Algumas vezes, antes de cantar o ponto de abertura, é feita a louvação com os joelhos no chão.

<sup>12</sup> Este toque ocorreu no terreiro de pai Léo de Xangô, filho carnal de mãe Dilene e filho de santo de pai Moraes. Depois que pai Moraes fechou o seu terreiro em 2010, o terreiro de pai Léo passou a ser a nova referência (em atividade) para Mina em João Pessoa. Este terreiro está localizado em um bairro periférico, ocupando um grande terreno que se estende de uma rua à outra. Na “rua de cima”, pai Léo mantém outro terreiro, de Candomblé ketu, denominação da qual também é babalorixá; na “rua de baixo” está o terreiro de Umbanda onde ocorreu a “festa” da cabocla Mariana. Os dois terreiros são separados pela residência do pai de santo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Jurema, houve poucas incorporações. Depois de algum tempo, foi cantado ponto de despedida dos caboclos. Então, o pai de santo anunciou que ia “abrir” para o povo das águas e entregou o microfone para mãe Dilene que cantou a toada de abertura (“Eu já dividi a terra, agora vou dividir o mar”). A festa se desenrolou ao som da mesma batida utilizada para os caboclos da Jurema.

Em determinado momento, mãe Dilene entregou o microfone para outra pessoa e foi juntamente com pai Léo para dentro do peji da Jurema. Ela estava se recolhendo para incorporar e vestir a cabocla Mariana, a grande homenageada.

Os tambores batiam, o povo cantava e dançava e alguns se estremeciam. De repente pai Léo fez sinal pedindo silêncio. Lá de dentro do peji, então, ecoou uma doutrina cantada pela própria cabocla Mariana que já estava em terra. As cortinas foram levantadas e apareceu a grande homenageada: “...chegou Dona Mariana...”. Trajava um belo vestido azul, branco-prateado, saia armada como das baianas de escola de samba, no pescoço, um colar de pedras translúcidas combinando com os brincos. O rosto cuidadosamente maquiado, os cabelos penteados e amarrados. Na mão, segurava um maracá coberto com contas brancas formando uma estrela de cinco pontas e alguns pingentes azuis e translúcidos. Cantou, dançou, abraçou as pessoas. Dirigiu-se a pai Léo, abraçou-o entregando-lhe o maracá; ele, então, estremeceu o corpo e recebeu o Menino Louro, um caboclo da família de Légua. Em pouco tempo, outros caboclos e caboclas foram “arreando”.

No salão, realizaram-se evoluções (dança), a cabocla Mariana banhava-se com perfumes presenteados pelas pessoas, enquanto o Menino Louro distribuía comida para todos (peixe frito).

O salão foi decorado com fitas e enfeites nas cores azul e branco. Havia um manequim (tamanho de uma pessoa) vestido com roupa parecida com as da cabocla Mariana, usava um turbante branco e na mão esquerda, segurava um maracá. De cada lado dele, em tripés de metal, havia uma bacia de ágata com água cheirosa, e por trás, na parede, se estendia uma grande bandeira da Argentina.<sup>13</sup> Mesas com frutas, comidas salgadas e doces (um bolo confeitado) e bebidas distribuía-se pelo salão. Havia sete

---

<sup>13</sup> Interrogada sobre essa bandeira, mãe Dilene afirmou que ela representava a nação da cabocla Mariana com suas cores azul e branco. Não sabemos se a atribuição dessas cores à Mariana já é uma adaptação feita em João Pessoa, ou se vem do Maranhão, embora saibamos que lá, as cores da família do Rei da Turquia, à qual Mariana pertence, são o verde, o amarelo e o vermelho.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

recipientes de louça contendo, cada uma, um pombo sacrificado: cinco deles numa mesa de frutas próximo ao peji, um próximo aos elus e outro na entrada do salão. Na viga central de sustentação do telhado foram colocados em sequência, da rua para dentro: um imã coberto por moedas; um pombo branco vivo; uma espécie de cordão de contas amarelas, brancas e vermelhas; e um peixe de escamas (uma tainha grande).

Depois de uma hora e meia, aproximadamente, bailando no salão, os caboclos começaram a “subir”, deixando em terra apenas a cabocla Mariana. Pai Léo, já desincorporado, se aproximou da mesa onde estavam as comidas salgadas e doces, chamou a cabocla Mariana para ser homenageada. Todos cantaram os “parabéns pra você” e ele acrescentou que assim se fazia no Maranhão, embora lá, houvesse mais coisas que em João Pessoa não se podia fazer.

A impressão geral que ficou da festa é a sua semelhança com o chamado ritual de “vestir o santo”, característico do candomblé, no qual o orixá homenageado é levado para o peji, e depois “sai” paramentado para dançar no salão (dar rum ao santo). Tal prática está sendo levada para Umbanda, popularizando-se nas homenagens à Pombagira. Tivemos a oportunidade de assistir a alguns toques, nos quais “fulano iria vestir sua Pombagira”, conforme dizia o convite. Desta forma, a festa da cabocla Mariana, nos mostra algo da adaptação que a Mina vem sofrendo em João Pessoa, pois, até onde sabemos, as festas oferecidas às entidades em São Luís, não acontecem desta maneira. Em relação à roupa, por exemplo, como diz Ferretti (1997, p.7) “é preciso lembrar que as entidades espirituais na Mina não usam paramentos muito elaborados. Os mineiros costumam dançar “fardados” – todos de calça ou blusa branca e saia ou camisa da mesma cor (branca, vermelha, verde, amarela, azul, rosa, estampada).”

Os caboclos da Mina, em relação aos caboclos da Jurema, parecem assumir uma posição superior quanto ao prestígio. Alguns aspectos colhidos a partir da presença da cabocla Mariana nos mostram isso. Para mãe Dilene, a cabocla Mariana, juntamente com suas outras irmãs Jarina e Erudina, filhas do Rei da Turquia, quando foram encantadas no mar, passaram a ser filhas de Iemanjá, o que justifica, por exemplo, as suas cores predominantes, o azul e o branco. Lembrando que a própria mãe Dilene é filha de Iemanjá. Assim, então, entre a cabocla Mariana e os orixás se estabelece uma relação direta, o que não acontece com os caboclos da Jurema, a não ser de forma difusa com Oxossi, o patrono das matas. Por outro lado, a cabocla Mariana canta doutrinas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

claras e bonitas em português, ao passo que os caboclos da Jurema balbuciam ou emitem sons parecidos com grunhidos. Os movimentos de Mariana são parecidos com as danças de entidades africanas, ao passo que os outros imitam o toré indígena, ou movimentos de caçada. As roupas de Mariana são muito belas, estilo das baianas das escolas de samba, saias armadas e coloridas de azul, branco e prateado, usa belas maquiagens e penteados, enquanto os caboclos vestem-se de penas, com penachos na cabeça, carregando arcos, flechas e bodoques. Além disso, corrobora o fato de Mariana receber pombos nas oferendas, tal como os orixás mais nobres (Oxalá, Iemanjá); de vir a terra apenas para bailar, e quando por ventura vai desenvolver algum trabalho, este ocorre apenas para iluminação e cura, com velas e banhos de ervas, não usando cachimbo, nem cachaça. Usa água de cheiro e perfume em demasia.

Na verdade, ficou a impressão de que a supremacia do povo das águas não ocorre só em relação aos caboclos da Jurema, mas em relação a todas as outras entidades da Jurema, pois para uma entidade da Mina ser assentada, é necessário que o filho já tenha Jurema completa, o que significa que aqueles são mais “nobres” que estes. Também, enquanto Mariana recebe sacrifício de pombos (ave que voa, ligada ao céu e histórias bíblicas) as outras entidades da Jurema “comem” bodes e galinhas, bichos da terra. Assim como os orixás, os caboclos da Mina possuem cores características, ao passo que as entidades da Jurema não as possuem, suas cores são genéricas.

### **A Mina e o Candomblé**

O encontro da Mina com o Candomblé em João Pessoa manifesta-se, conforme já dissemos, transversalmente, pois o pai de santo que foi a São Luís, foi para ser iniciado por pai Euclides no Candomblé, denominação que não é original de São Luís e que foi levado para lá por este pai de santo, a partir de sua aproximação com os terreiros de Recife. Assim, diferentemente da Umbanda, quase nenhuma ocorrência significativa da Mina foi verificada no terreiro de pai André.

Sua ida a São Luís deu-se por acaso. Inicialmente, recebeu um bori “vermelho” das mãos de pai Cláudio, irmão de santo de pai Euclides. Aquele, entretanto, por razões diversas, desistiu do “sacerdócio”. Por intermediação de pai Cláudio, pai André voltou-se para pai Euclides. O processo de iniciação começou em 1994 e se concluiu em 2001. Pai André morou em São Luís por dois anos, de 1998 a 2000, período crítico da sua feitura (iaô). O restante do tempo foi preenchido com idas e vindas constantes de João



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Pessoa a São Luís. Destacamos, portanto, que a ida de pai André a São Luís, não foi motivada pela busca de iniciação na Mina, ocorreu por acaso.

Contudo, o contato com São Luís, levou-o a conhecer de perto a Mina. Segundo conta, assistia aos rituais da Mina constantemente, e uma vez, teve uma incorporação violenta com a entidade cabocla da família da Turquia, chamada Jurandi. Esta entidade, apesar de não ter sido “assentada”, incorpora esporadicamente em pai André em João Pessoa, em situações fora do Candomblé, ou quando muito, no final do “samba de angola”. Pai André não foi iniciado na Mina, pois pai Euclides não inicia nesta modalidade os filhos de santo do Candomblé, para que não tenham dupla pertença, correndo o risco de misturar as coisas.

Assim, segundo informou, muito pouco há no seu terreiro que proceda da Mina: algumas rezas utilizadas em rituais privados (de purificação), algumas cantigas utilizadas no xirê (na abertura para Exu, e para Bessen), além de cantar para algumas deidades Ashanti (“Oduíra” e “Asase”). Todas essas aproximações, entretanto, foram feitas em São Luís por pai Euclides; ele (pai André) nada acrescentou aqui em João Pessoa, pelo contrário, tem procurado eliminar alguns desses elementos no seu terreiro. Para ele, o Candomblé desenvolvido por pai Euclides, embora levado de Recife, diferencia-se em muito da nação Ketu, por ter incorporado elementos da Mina. E uma de suas preocupações é evitar que seja tomado como um pai de santo de Mina em João Pessoa, afirma-se enfaticamente como pai de santo de Candomblé Ketu.

### **Considerações Finais**

Apresentamos a confluência entre a Jurema e a Mina, sendo vista esta, como hóspede daquela. Os caboclos da família dos Turcos, de Légua Boji e da Baía, são as entidades que se manifestam em João Pessoa, conhecidos como o povo das águas. Destacamos que há uma “ajuremação” do povo da Mina, adaptações nos rituais quanto às batidas dos tambores, a ausência de instrumentos específicos e elementos materiais usados nos rituais, formato da festa de Mariana que se assemelha ao ritual de “vestir o santo”, comum, hoje, nas homenagens prestadas à Pombagira. Destacamos também, que apesar desta “ajuremação”, os caboclos da Mina parecem gozar de maior prestígio frente às entidades da Jurema. Por outro lado, no que se refere ao Candomblé, a influência da Mina, mostra-se secundarizada. No geral, a direção inicial do estudo se mantém: em João Pessoa, a Mina maranhense não se afirmou autonomamente, torna-se,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

aos poucos, uma linha de caboclos dentro da Jurema; e no Candomblé, sua presença é secundária.

O estudo teve um caráter exploratório, visando criar bases sólidas para investigação posterior. Devido a isto, não é prudente tomar seus resultados como conclusivos. E por fim, ressaltamos as diversas dificuldades encontradas para a construção dos dados. A pouca receptividade de alguns pais de santo quanto às entrevistas, destacou-se neste quesito.

### Referências

BOAES, Giovanni. África e Brasil: separação simbólica/social no campo das religiões afro-pessoenses. In *Revista Caos – Revista de Ciências Sociais*. n. 14, set. 2009. pp 86-94.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

CARLINI, Álvaro. *Cachimbo e Maracá: o catimbo da missão – 1938*. São Paulo: CCSP, 1993.

FERRETTI, Mundicarmo. *Desceu na guma: o caboclo do tambor de mina em um terreiro de São Luís*. 2 ed. São Luís: EDUFMA, 2000.

FERRETTI, Mundicarmo. *Tambor de mina e umbanda: o culto aos caboclos no Maranhão*. In < <http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Mina%20e%20Umbanda.pdf> >, 1997. Capturado dia 22 de maio de 2011.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VERGER, Pierre. Uma rainha africana mãe de santo em São Luís. *Revista USP*, São Paulo, n. 6, p. 151-8, jun./jul./ago., 1990.